

Stadium

N.º 148 * 3 DE OUTUBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50

**NESTE
NUMERO:**

SEPARATA com a fotografia a côres dos campeões de «basket» do BELENENSES



BENFICA-SPORTING

Martins salta para segurar uma bola alta. Peyroteo vê-se «bloqueado» pela decisão de Teixeira III, enquanto Moreira e Gaspar Pinto observam a fase com ar tranqüilo...

BELENENSES EM «FORMA» SPORTING COM «FUNDO»

Verdadeiro jôgo de competição, duro e renhido, mas sem disciplina de conjunto

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

ENFIM, estamos em pleno domínio do jôgo da bola. Começa o campeonato de Lisboa, e logo com grandes enchentes. Apesar da brusca transição do futebol amigável para o jôgo de competição, registou-se, no primeiro dia da Prova, uma assistência grande, das que impressionam. Os campos de clube vão sendo pequenos para arrumar toda a gente que quer assistir aos desfilios. Mesmo pondo de lado o aspecto de comodidade. Com um dia de calor como estava, é de admirar o estoicismo daqueles milhares de pessoas que, de pé, suportaram os raios solares desde o começo do encontro das reservas até o fim do jôgo grande. Autênticos mártires!

Côisa naturalíssima. O calor faz sentir os seus efeitos, quebrando aos poucos a velocidade e amolecendo o espirito da luta dos jogadores, alguns ainda com delicente preparação física, ou seja com uma camada de gordura em cima do corpo. O natural resultado do período do desfecho.

De um modo geral, vista em conjunto a primeira jornada, devemos dizer que os três encontros, do melhor ao pior, forneceram lutas renhidas. Para competição. Porventura a das Salésias foi aquela em que o desnível dos combatentes se tornou mais notado. Os jogadores passaram em campo todo o seu entusiasmo, convencidos de que o movimento inicial no torneio tem grande importância na vida dos clubes. De tal sorte se conduziram que, por exemplo, no Campo Grande se registaram cenas poucas desportivas, indicação segura de que se torna necessário um pulso forte de disciplina para manter os elementos do jôgo dentro das indispensáveis normas de desportivismo. Está por demais provado que a luta cega o praticante, acirrada por multidões partidárias, levando-o à prática de excessos verdadeiramente condenáveis. Sobre os árbitros que, além da aplicação das Regras, têm como obrigação a defesa do desporto e dos seus princípios, pesa tremenda responsabilidade. Quando se diz que um juiz de campo tanto pode salvar uma partida, pôe-se em relevo uma verdade. Os factos cada vez o provam mais.

Agora isso, os *teams* não estão ainda, como provaram, em grandes apuros técnicos. O Belenenses parece capaz de fornecer já uma esplêndida medida: o dó de peito. O Sporting revela o fundo que lhe permite olhar para o futuro, confiadamente. O Benfica mantém a mesma organização da época passada, com tendência para descer um pouco. O Estoril não demonstra ainda a neces-

ria coesão, a melhor qualidade dos *teams* sem eses. O Atlético mantém-se estacionário—talvez com forças susceptíveis de melhoria. O grupo da C. U. F. parece o menos apetrechado para o que vai passar-se. Acrescenta-se que quasi não há *nomes novos* na liça e então teremos na nossa frente o mais completo *panorama* que nos é possível dar do futebol lisboeta. Nesta altura, e vamos no começo da corrida, os *teams* já não estão alinhados no mesmo risco. Há alguns com vitórias preciosas. Outros que têm de redobrar de esforços para a recuperação.

A. Ferreira decidiu o problema Benfica-Sporting no último pontapé...

A falta de Francisco Ferreira como que transformou o *team* do Benfica, que alinhou com Martins, Gaspar, Cerqueira, Jacinto, Moreira, Artur Teixeira, Rui, Arsénio, Espirito Santo, Joaquim Teixeira e Rogério. Quantas vezes temos ouvido que Xico Ferreira é metade do *team*! Pelo que se passa, queremos crer que sim. Falta ao Benfica a insistência da luta, a teimosia nos golpes e a admirável energia—admirável e contagiosa—do grande médio internacional.

O Sporting apresentou-se completo, alinhando Azevedo, Cardoso, M. Marques, Barrosa, Veríssimo, Lourenço, Jesus, Ferreira, Peyroteo, A. Marques e Albano.

Mesmo com a grande atenuante do calor—era de exigir um futebol mais ligado do que aquele que ambos os *teams* produziram. Sem exagero, deve afirmar-se que tanto uns como outros não acertaram devidamente na ligação: os benfiquenses colaboraram com o Sporting, passando-lhe a bola; os sportinguistas, dando a bola ao Benfica. Esta *imagem* não preencheu inteiramente a partida. Também era o que faltava. Todavia, as *passagens*, de lado a lado, perderam-se quasi sempre. Não conseguimos reter na memória nenhuma avançada de desmarcação dos atacantes, com a bola presa aos pés dos jogadores e rente ao terreno. É que o balão andou quasi sempre no ar, lá no alto, e os jogadores à espera que êle caísse... Daqui se deduz claramente que o jôgo nem teve disciplina de conjunto, nem precisão e certeza.

Contribua, certamente, para tudo isto que revelamos, a desorganização dos dois *teams* pela redação, por via de incidente de jôgo, para dez anidades. Foi o caso que Teixeira entrou a Barrosa, ao joelho, com o clássico golpe da inutilização. O médio sportinguista, após os dedos da maçagem, ficou em campo, mas na ponta direita e mais tarde na asa

esquerda, baixando A. Marques para médio. Mais tarde, uma *entrada* dura de Cardoso a Teixeira, quando êste se preparava para o remate, desmantelou também a equipa benfiquense.

Sem dúvida, as arbitrazens exercem influência no jôgo. Ora, Manuel da Silva, sem autoridade, e por efeito de má aplicação das Regras e de decisões injustas e inexplicáveis, conseguiu estragar o pouco que os *teams* tinham resolvido executar. Há que ter cuidado com as nomeações.

O primeiro *goal* dos *leões* talvez tenha sido a jogada calmante de todo o encontro: insistência de Peyroteo, centro-resteiro de J. Correia (necessidade das defesas benfiquenses se preocuparem com o avançado-centro sportinguista) e remate estapendo, em corrida, de Albano. O chamado *goal* de bandeira. Os espanhóis, no seu simpático exagero, cantariam o feito durante muito tempo.

O Benfica empatou de *penalty*, injustificadamente aplicado. Mário Rui foi carregado dentro da área perigosa, quasi ao mesmo tempo, por Cardoso e Manuel Marques, num lance decisivo, mas tratava-se de uma jogada de disputa da bola. Gaspar transformou com um «shot» colocado a severa penalidade. Quando tudo indicava como desfecho o empate, um remate vistoso e da melhor execução lançado, por A. Ferreira, quasi que ouvindo-se já o sino do fim, pôs termo à contenda com alegria para o Sporting e tristeza para o Benfica.

A defesa *encarnada* portou-se bem. Gaspar, mesmo, a figura n.º 1, magnifico de colocação e batendo bem a bola. Martins, seguro. Só não compreendemos a razão por que se insiste no alinhamento de Cerqueira, jogador nitidamente inferior. Os médios cumpriram e Artur Teixeira jogou bem mais de que se calculava. Desorganização absoluta no ataque, nem se salvando a habilidade de E. Santo.

No lado do Sporting, Azevedo continua a inspirar a maior confiança. Cardoso, sólido. Para quê algumas das suas antipáticas atitudes? Veríssimo, com pouco fôlego. Lourenço, uma utilidade. A linha avançada, não tendo jogado bem, mostra um poder ofensivo que é um caso muito sério.

O Atlético esteve à beira de uma surpresa...

A equipa da «Caf», caminhando com segurança para a vitória na segunda parte do encontro com o Atlético, pôde dar-nos a demonstração de que *nunca é tarde para vencer*.

No primeiro período do jôgo, os cafistas estiveram *mais bem*. E mais rematadores. Tanto que conseguiram obter dois *goals*, logo no começo da segunda parte, possivelmente porque ao grupo ainda calhava o bom jôgo do primeiro período.

Só perto da meia hora pôde o Atlético libertar-se de um resal-

tado que começava a perturbá-lo. Nam ápiez 2 a 2. A seguir, a vitória por 4-2, com o grapo da «Caf» a ceder visivelmente e a entregar-se à superioridade manifesta dos visitantes.

O resultado foi realizado quando ainda faltava jogar 10 minutos. O conjunto do Lamiar A, redozido a 10 homens por causa de uma atitude impensada de Carlos Pereira, mas já depois do 4.º tento do seu adversário, não teve talento nem ânimo depois de *resolvido* o jôgo. E só poderia esperar-se, então, que os atléticos melhorassem o resultado.

As linhas: Caf—Eduardo Santos; Gomes e Armindo; Adão, Carlos Pereira e Gastão; Osvaldo, Armando, Travassos, Arnaldo e Tangananho.

Atlético—Correia; Baptista e Cunha; José Lopes, Gregório e Francisco Lopes; Micael, Armindo, Catinana, Rogério e Marques.

Este jôgo foi dirigido por Henrique Marques Leal. Vários erros que não influíram profundamente no resultado.

Bom jôgo do Belenenses

Os jogos entre o Belenenses e o Estoril Praia agradam quasi sempre. Pelo menos, assim costumava acontecer... Mas, no último domingo, os números obtidos pelo *team* de Belém *mata-ram* a habitual nota de equilíbrio — e daí assistir-se a um jôgo *menos bom*, em relação a outros que os dois clubes nos proporcionaram já.

Claro que nem sempre foi dominado o grapo estorilense. Também lhe faltou fortuna em certos lances de bom ataque, principalmente na primeira parte do encontro. O seu conjunto parecia-nos inferior. O médio centro, António Nunes, deixou-se surpreender muitas vezes e foi enleado por um ataque ágil, resultado, possivelmente, do afastamento durante uma época inteira. Na linha de ataque, por sua vez, faltou coesão e poder de remate.

Eis o que succedeu durante grande parte dos 90 minutos. Antes do intervalo, ainda chegou a pensar-se que os estorilenses teriam garra para equilibrar a partida, mesmo depois de Rafael e Quesma terem marcado dois tentos. Mas nos últimos 45 minutos — o Estoril não pensa em melhorar de jôgo e de resultado. O Belenenses, que, por intermédio de Elói, conseguira marcar novo ponto à beira do intervalo, obteve ainda mais uma bola quando se jogava há 24 minutos. José Pedro foi o seu autor.

Não pode negar-se que o Belenenses possui boa equipa. Trabalho de conjunto disciplinado. Excelentes valores, na defesa como no ataque. Nem a inferioridade técnica revelada pelos estorilenses pôde ser invocada.

Este jôgo foi dirigido pelo sr. Oliveira Machado, e as equipas alinharam:

Belenenses—Capela; Vasco e Feliciano; Sérgio, Gomes e Serafim; Mário Coelho, Elói, Quesma, José Pedro e Rafael.

Estoril—Valongo; Pereira e Elói; Matens, Nunes e Alberto; Lourenço, Bravo, Mota, Osvaldo e Raul Silva.

Há resposta para tudo...

P. 169 — Armando Ferreira não será competente para a Seleção Nacional?

P. 170 — Jesus Correia, Armando, Peyroteo, Cabrita e Albano não constituirão a melhor linha dianteira dos clubes da 1.ª Divisão?

P. 171 — Qual é melhor: Jesus Correia ou Lourenço, do Porto? (De um leão do Norte).

R. 169 — Porque não? Armando Ferreira é um excelente jogador.

R. 170 — Não há nenhum clube com essa linha. Digo-lhe, no entanto: era uma coisa séria...

R. 171 — No presente momento, Jesus Correia.

P. 172 — Qual o melhor: Barginha ou Abraão?

P. 173 — Quem será o melhor terceiro avançado-centro português?

P. 174 — O melhor: Peyroteo ou Zarra?

P. 175 — Martins já jogará futebol nesta época? (De Francisco Patrício de Ribeiro, Sanatório de Olhão).

R. 172 — São de valor sensivelmente igual.

R. 173 — Júlio, do Benfica.

R. 174 — Peyroteo.

R. 175 — Martins jogou no fim da época passada.

P. 176 — A idade de Espírito Santo e Jesus Correia?

(Continua na página 15)

As festas de homenagem aos jogadores de futebol

tão usadas em Hespanha não se organizam em Portugal. Porquê?

AFORA a festa de inauguração do formoso Estádio da Tapadinha, uma iniciativa que nunca é demais pôr em relêvo, o mês de Setembro perdeu-se praticamente para o jogo da bola. Com a necessidade de datas que se verifica, o não aproveitamento dos domingos do último mês, primeiro da época de futebol que decorre, não tem justificação possível.

Já que não queriam começar o campeonato, e talvez esteja certo que o futebol de competição em cada temporada seja precedido de pontapés de ensaio, bem se poderia ter aproveitado estas datas de início para grandes afirmações clubistas, em desafios de homenagem aos jogadores mais representativos dos clubes.

A situação dos jogadores portugueses não é aquilo que podia e devia ser, apesar da evidente boa-vontade de alguns dirigentes. Se compararmos a situação dos portugueses com a dos espanhóis, notamos uma diferença apreciável, toda em favor dos praticantes do vizinho país. É claro que o meio é diferente e que as perspectivas espanholas são muito mais amplas, permitindo um bem-estar aos jogadores que, por enquanto e infelizmente, não é possível estabelecer em Portugal. Mesmo assim, a diferença apre-

ce-nos excessiva. Qualquer jogador espanhol de classe acima da média consegue ganhar uma fortuna em meia dúzia de anos de actividade, ficando em condições de, na hora do abandono, ter a sua vida carrilada. Quanto ganhariam em Espanha um Peyroteo ou um Francisco Ferreira!

Além de tudo, e já não referindo os ordenados e os prémios e ainda as importâncias cobradas pela assinatura da ficha, há um hábito espanhol que serve magnificamente o jogador: de tantos em tantos anos, ou nos momentos difíceis da sua vida, o clube organiza uma festa de homenagem ao jogador, com toda a receita em seu proveito.

O Belenenses, por exemplo, participou na festa a Alonso. Mas os exemplos da temporada finda foram muitos. Em Barcelona, como em Valência, realizaram-se encontros desta espécie, ao mesmo tempo belas festas de exaltação clubista e de solidariedade desportiva.

Em Portugal segue-se um critério diferente. Os clubes são avaros em gestos desta natureza. Quando muito, uma vez por outra, uma festa de despedida no fim da carreira de um jogador, festa quase sempre arrancada a ferros.

As homenagens aos jogadores (não, evidentemente, a qualquer elemento, mas aos que têm servido o jogo com brilho) transformam-se naturalmente em grandes manifestações dos próprios clubes. Não se percebe, portanto, a aversão que os clubes mostram por estes empreendimentos — um justo prémio ao jogador da bola. Eis como podiam ser ultimamente aproveitadas as datas de Setembro.

Corre que...

Francisco Ferreira não alinhou contra o Sporting. O motivo reside numa distensão que sofre. O grande elemento benfiquense jogou em desafios particulares, ainda combatido. Resultado: a distensão agravou-se. Sabemos que o médio-esquerdo Internacional, honra do nosso futebol, não se apresentará em campo enquanto não estiver são de todo.

♦ O problema das arbitragens, no que respeita à prática e sua organização, vai ser encaminhado com todos os cuidados e tendo-se em vista a sua importância no futebol. Porque não publicar no começo de todas as épocas normas de uniformidade de critério e interpretação das Regras? A Comissão Central de Arbitros deve ser remodelada brevemente, e o facto

CONTA-GOTAS

Variações

O futebol não é desta ou daquela Associação; deste ou daquele clube; deste ou daquele indivíduo. Porque não se pode quebrar o futebol em pedaços...

Muita gente afirma que o melhor do futebol é o pontapé em campo. Os lugares comuns são as grandes verdades...

Há indivíduos que, no meio da bola, julgam ter todos os trunfos na mão.

Afinal, um dia vê-se que a sua importância tem muito de fictícia, e ainda muito de sonho!

Aquelles que um dia foram dirigentes esquecem-se que os seus defeitos ficaram agarrados à sua figura, mesmo que eles tenham o cuidado de relembrar sempre as suas virtudes. O que fizeram e aquilo que não fizeram.

Os dirigentes devem encarnar a idéia desportiva, e de certo modo a idéia clubista.

Caso contrário, ao acordarem, têm a impressão de haner sonhado.

Um dirigente que se serve da posição social para impor o seu pensamento no jogo da bola — não merece alinhar no team.

Vale a pena lembrar: desportista não é só aquele que sabe ganhar. É muito principalmente o que sabe perder.

A derrota não é vergonhosa. A não ser quando o desportista não lutou na medida de todas as suas forças para ficar vitorioso, ou se recusou à luta.

As diferentes correntes de opinião que por vezes se estabelecem no meio da bola são uma imagem do futebol — que é luta e vida.

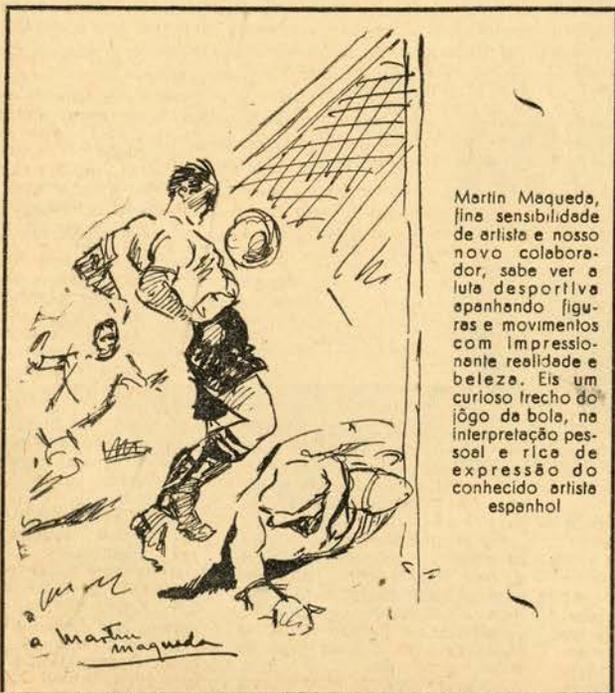
O futebol goza a popularidade. Eis uma das razões que justifica a luta pelo mundo da bola.

exercerá influência em toda a organização das arbitragens.

♦ Joaquim Teixeira, tratado na intimidade por Quim, tendo dado muito que falar, volta a envolver a camisola vermelha do Benfica.

Não nos interessa a questão. Falamos do assunto para dizer que, por debaixo daquela dureza que caracteriza o jogo de Joaquim Teixeira, se esconde um coração puro, uma alma sensível e um excelente companheiro de desporto.

♦ Parece que os jogadores novos não surgem em quantidade. Há nos clubes, no entanto, alguns raios de futuro, que a época dará certamente a conhecer. Ainda bem.



Martin Maqueda, fina sensibilidade de artista e nosso novo colaborador, sabe ver a luta desportiva apanhando figuras e movimentos com impressionante realidade e beleza. Eis um curioso trecho do jogo da bola, na interpretação pessoal e rica de expressão do conhecido artista espanhol

A vitória de BENI LEVI sôbre REVERTE e os restantes combates de quarta-feira última

Crónica de RAFAEL BARRADAS

DOMINANDO francamente o seu adversário, que o público lisboeta já vira actuar, em 1943, contra Miguel França e contra Wilson, Beni Levi derrotou o pugilista espanhol Alvarez Rodriguez (Reverte) por pontos, fazendo alarde de uma forma física em crescente melhoria.

A fisionomia do combate conservou sempre o mesmo aspecto a partir do 4.º assalto, momento escolhido pelo moçambicano para tomar a iniciativa do ataque. Até esse período, o pugilista português cuidou apenas da defesa, deixando ao antagonista a condução das operações. No 2.º e 3.º assaltos, o espanhol ganhou a pontuação pela mínima diferença, graças ao facto de Levi não se haver empenhado. O visitante aplicou algumas séries de golpes, vistosos e rápidos, ao tronco do português, e no corpo-a-corpo trabalhou com habilidade e poder.

Foi, no entanto, pouco duradouro o seu domínio. No 4.º round Levi empregou o punho direito pela primeira vez e o espanhol acusou logo o poder dos golpes, quando lhe acertaram no estômago e flancos. Nos assaltos seguintes a superioridade do moçambicano acentuou-se. Vimo-lo sacudir o espanhol no 5.º (e dar-lhe um golpe baixo involuntário...) e bater com a mão direita, utili-



Levi atinge Reverte com a esquerda



Ao esquivar, Levi mete a esquerda com êxito

zando "hooks", largos e demasiadamente visíveis, mas fortes. No 6.º apreciámos as tentativas da "frase", um-dois, à cara, bem sucedida mais tarde.

Reverte reagiu sempre. No entanto, estava claramente dominado e procurou nos repetidos e inúteis corpos-a-corpo resolver os momentos difíceis.

No décimo assalto encaixou um murro enorme na cara e pendurou-se quanto pôde para chegar ao fim da jornada. Após a vitória de Levi contra Beltrán, actual campeão de Espanha dos "leves", era de prever a derrota de Reverte. Apesar disso foi brioso e leal, merecendo a sua conduta os aplausos que o público mui justamente lhe tributou.

Quando a Levi, renasceu brilhantemente de uma longa fase de apatia, crise que supomos ter findado em definitivo. O seu combate contra França, para disputa do título dos "leves", deve ser emotivo e cheio de interesse.



Um «contra» de Reverte

Miguel França, em boa forma, derrotou Velasco Sacristan por pontos. Diante de um 2.º série pouco afamado, o nosso campeão (apesar de treinado e forte...) fez figura pouco brilhante. Desde o 1.º assalto que França aplicou socos na nuca, formalmente proibidos e cujo emprego conduz à desclassificação...

Batalhou monotonamente no corpo-a-corpo, exagerando as prisões, etc. O árbitro não se impôs logo e foi cedendo em autoridade, para acabar quasi inteiramente desrespeitado pelos dois desportistas. No 3.º assalto França entrou de cabeça, perigosamente, e daí em diante tanto o português como o espanhol transformaram em pugilato disfarçado o que

devia ser pugilismo autêntico. No 5.º assalto França encaixou um murro na cara, que acertou em cheio e vacilou. Nos períodos imediatos, até final, o aspecto geral da pugna foi, do lado de Velasco, ataques de longe, ao tronco, com balanço, seguidos de corpo-a-corpo. Este, sem regras nem acio. Quanto ao português, aceitou tal género de acção e respondeu à letra.

Apesar de que o árbitro avisou publicamente os dois jogadores, achamos que fez a pior arbitragem possível. Faltou-lhe autoridade para desclassificar ambos os pugilistas, pelo abuso de corpos-a-corpo, prisões, cabeçadas e golpes na nuca — e para enfrentar o público, cuja gritaria e protestos a mais exercem nefasta e prejudicial influência na actividade dos directores de combate.

Antes dos dois encontros de fundo, Domingos Figueiredo ganhou ao espanhol Guadalupe, por pontos. A experiência do segundo não bastou para anular a mocidade e a persistência do português. Ou talvez não haja querido fazê-lo...

Vimo-lo executar óptimas fintas com o corpo e com os braços, mover-se bem no quadrângulo, esquivar e guardar-se bem. Só bater é que não lobrigámos — e por isso perdeu a decisão. Em abertura, Manuel de Sousa ganhou a Fernando Trindade. Vitória por escassa vantagem e que nada influiu nas possibilidades do vencido.

O espectáculo, em conjunto, foi apenas de a grado regular, mas sem notas discordantes nem momentos de grande emoção.



Fase do combate França-Velasco



O ATLÉTICO... a TAPADINHA... um clube e uma obra!

tava o sector do governo da Nação que está directamente em contacto com a vida desportiva nacional. O ilustre sub-secretário de Estado da Educação Nacional deu-nos a honra de redigir para a *Stadium* as palavras seguintes:

— Reconheço, com grande prazer, o esforço que conduziu a esta realização. É um exemplo de dedicação, disciplina e confiança, que, nesta inauguração do campo da Tapadinha, quero pôr em destaque.

Fala o autor do primeiro «goal» marcado no novo campo da Tapadinha

Descemos aos balneários. O Belenenses havia empatado com o Benfica, mas o primeiro «goal» marcado no novo campo do Atlético fora obtido por um «azul»: Mário Coelho, que vestiu noutros tempos a camisola do Carcavelinhos... Dá-nos logo a sua opinião:

— Muito e muito bonito! O Atlético conseguiu pôr de pé uma grande obra!

Palavras do dr. Octávio de Brito, prestigioso presidente do Belenenses

O ilustre dirigente do clube de Belém, ao ouvir a nossa interrogação, olha de novo o belo espectáculo de conjunto do novo campo e diz-nos simplesmente:

— Isto é, verdadeiramente, uma obra de fé realizada pelo povo de Alcântara...

desportivo da Emissora Nacional, fala-nos também — numa «transmissão directa» para a *Stadium*...

— Trabalho grandioso! Obra magnífica! Uma visão que foi da ideia ao facto com o auxílio de vontades tenazes, sobrepondo-se a todos os obstáculos. Carcavelinhos e União Lisboa deram as mãos num apêto vigoroso, unido num laço forte o esforço que trazou no campo desportivo solidariedade e firmeza. Uma obra que se obreco o Atlético — e acima de tudo o desporto nacional!

A opinião de um jornalista ilustre: Cândido de Oliveira

Acercámo-nos de Cândido de Oliveira, nosso distinto e prestigioso camarada de Imprensa, que nos diz:

— O novo campo da Tapadinha constitui uma alta lição de clubismo — e de civismo!

Um árbitro: Carlos Canuto

Canuto, que tem o seu nome ligado ao grupo decidido de colaboradores na grandiosa obra, declara-nos:

— Estou contentíssimo... É dos dias mais felizes da minha vida desportiva! Eu, que há vinte anos pisiei pela primeira vez este campo, sinto talvez melhor que ninguém tão grandiosa transformação!...

Ouvindo a massa associativa através de Cândido Porto

Por certo que os milhares de sócios do Atlético que estiverem na «sua festa» deveriam ter palavras de merecido elogio para os dirigentes. Ouvimos Cândido Porto, dos mais dedicados e entusiastas componentes da família «alcantarense». Emocionado, afirma-nos:

— O estádio da Tapadinha é já obra digna de um clube que conseguiu atingir esforçadamente o primeiro plano e dentro de pouco tempo, seguramente, será uma realização das mais completas que a tenacidade de um grupo de arrojados desportistas pode levar a efeito. Um bravo sincero a quem conseguiu tudo isto!

(Continua na página 12)



Uma comissão de sócios do Atlético promoveu há dias uma bela festa de confraternização, organizada especialmente para solenizar a inauguração do novo campo da Tapadinha e para homenagear os dedicados dirigentes que puseram de pé tão valiosas obras. As gravuras focam o momento em que Jaime Franco colocou no peito de Paiva e Silva e Joaquim Nobre e Alvaro Cardoso — os três expositos máximos da dedicação pelo clube — emblemas de ouro oferecidos pela população associativa.

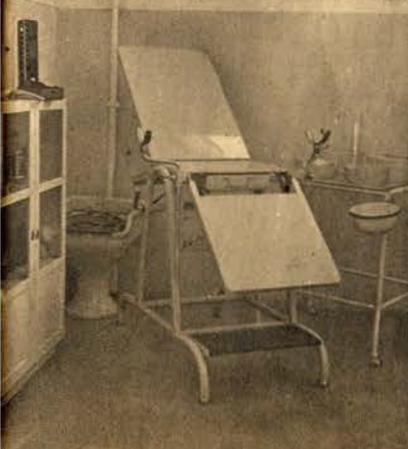


O Atlético foi o primeiro clube a cuidar do problema de instalar devidamente as representações da Imprensa. Além dos lugares que lhes reservou na arquibancada de campo, proporcionou-lhes ainda o magnífico gabinete que a gravura reproduz.

A inauguração do novo campo do Atlético Clube de Portugal foi um acontecimento — em toda a extensão da palavra. Todo o bairro de Alcântara esteve em festa para solenizar, com verdadeira alegria, o arrojado empreendimento do popular clube — empreendimento que é o padrão expressivo de quanto pode a vontade firme de alguns dos seus dedicados dirigentes.

A falta de espaço não consentiu, mau grado nosso, a publicação de algumas valiosas opiniões, que apresentamos hoje aos nossos leitores da *Stadium*. Mas estamos ainda a tempo — porque nunca se perde a oportunidade de pôr em relevo uma obra que é um triunfo. Na realidade, o pequeno mas harmonioso estádio da Tapadinha, com cerca de 30.000 pessoas compondo o aspecto atrevido do

O posto médico do campo da Tapadinha



campo, constituiu uma surpresa para todos — e impressionou fortemente o ânimo de quantos viveram o ambiente da tarde inaugural.

Um nosso redactor, enquanto se cumpria o programa daquela tarde, percorreu quasi todos os lugares e embrenhou-se na multidão ruidosa e entusiasmada. Obteve então algumas opiniões expressivas acerca da brilhante jornada que vivia o dinâmico clube alcantarense.

Para todos, a mesma pergunta: Que impressão lhe causou esta magnífica obra? Que lhe patee o novo estádio do Atlético?

A impressão do sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional

No camarote de honra, junto de S. Ex.^a o Chefe do Estado, o sr. professor Amorim Ferreira represen-

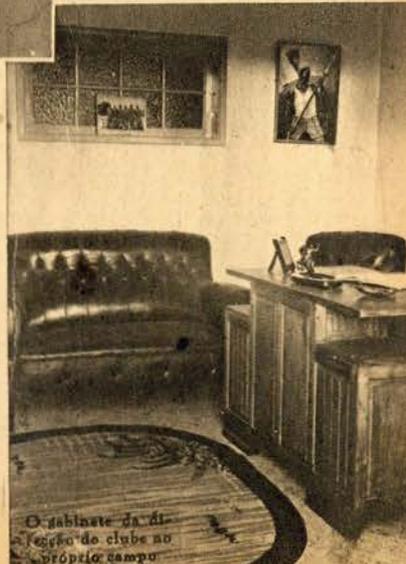
O que nos disse o capitão Maia de Loureiro

A conhecida personalidade de dirigente do capitão Maia de Loureiro saiu-nos ao caminho, no nosso peregrinar... A opinião vem pronta, ditada com sinceridade:

— Magnífica impressão! É uma obra que deve ser salientada que merece ser compreendida. Só quem dirige clubes de desporto sabe o que isto custa... O grande público ignora...

Junto dos microfones da Emissora Nacional

Alfredo Quadrio Raposo, o conhecido locutor



O gabinete da direcção do clube no próprio campo

O ANO DE 1945

foi o melhor do atletismo português

Comentários pelo dr. SALAZAR CARREIRA

PRÁTICAMENTE terminada a actividade da época, que apenas espera ainda a prova do decatlo, marcada para os próximos dias 5 e 6 de Outubro, e uma ou outra tentativa de melhoramento de «record» em provas de estafeta ou em corridas de distâncias fora das medidas clássicas, vamos proceder à costumada análise geral, que este ano nos levará à consoladora afirmação de havermos vivido a melhor temporada do atletismo português.

Em corridas, em saltos e em lançamentos, a média dos resultados alcançados em 1945 ultrapassa as de todos os anos precedentes, com muita gente nova nos lugares da vanguarda e os mais consagrados ainda em idade de poderem manter-se largo tempo na actividade progressiva.

Vamos começar hoje a apresentação dos elementos de análise com a lista dos três melhores resultados do ano em cada uma das provas do programa oficial de campeonato.

100 metros: Manuel Núnico (Sporting), 10,8 s., 902 p.; Tomás Paquete (Benfica), 10,9 s., 872 p.; Eugénio Eleutério (B.) Sampaio Peixoto (Académico), Fernando Lourenço e Sebastião Camões (S.), 11 s., 843 p.

200 metros: Sampaio Peixoto (A.), 22,2 s., 856 p.; M. Núnico (S.) e Eleutério (B.), 22,8 s., 780 p.

400 metros: Sampaio Peixoto (A.), 50,8 s., 829 p.; Artur Dias (S.), 51,7 s., 780 p.; Matos Fernandes (B.), José Vicente e João Jacinto (S.), 52 s., 765 p.

800 metros: Francisco Bastos (S.), 1 m. 57,5 s., 856 p.; José Vicente (S.), 1 m. 59,4 s., 811 p.; João Jacinto (S.), 2 m. 3,4 s., 725 p.

1.500 metros: Francisco Bastos (S.), 4 m. 12,2 s., 785 p.; João Silva (B.), 4 m. 19,2 s., 716 p.; Jorge Azevedo (B.), 4 m. 19,9 s., 709 p.

5.000 metros: João Silva (B.), 15 m. 35,6 s., 837 p.; Afonso Marques (S.), 15 m. 35,8 s., 836 p.; Oliveira e Silva (B.) 16 m. 6 s., 753 p.

10.000 metros: João Silva (B.), 32 m. 15,8 s., 858 p.; Afonso Marques (S.) 32 m. 40,2 s., 824 p.; Galvão Duarte (B.), 35 m. 14,8 s., 638 p.

Barreiras, 110 metros: Fernando Ferreira (B.), 15,7 s., 818 p.; Martins Vieira (B.), 16,1 s., 762 p.; Luís Alcide (B.), 16,4 s., 723 p.

Barreiras, 400 metros: Matos Fernandes (B.), 57 s., 817 p.; Martins Vieira (B.), 59,5 s., 723 p.; Elói Pereira (F. C. do Porto), 59,8 s., 712 p.

Salto em altura: Matos Fernandes (B.), 1,85 m., 846 p.; João Durães (S.), 1,80 m., 786 p.; Seródio Gomes (Internacional), 1,77 m., 750 p.

Salto em comprimento: Alvaro Dias (S.) 7,09 m., 828 p.; Edgard Tamegão (A.) 7,075 m., 823 p.; João Vieira (S.) 6,76 m., 741 p.

Triplo-Salto: Luís Alcide (B.), 14,50 m., 856 p.; João Vieira (S.), 14,10 m., 798 p.; Homero Reis (B.), 13,33 m., 692 p.

Salto à vara: Montalvão Fernandes (Estrêla e Vigorosa), 3,55 m., 712 p.; Santos Vieira (B.) 3,53 m., 704 p.; Martins Vieira (B.) 3,40 m., 652 p.

Lançamento do Péso: Pinto Basto (L.), 12,87 m., 703 p.; Emídio

Ruivo (S.), 12,47 m., 665 p.; António Leite (S.), 11,35 m., 563 p.

Lançamento do disco: Manuel da Silva (S.), 41,82 m., 776 p.; José Luís Silva (S.), 38,29 m., 661 p.; Emídio Ruivo (S.), 37,86 m., 649 p.

Lançamento do dardo: António Rodrigues (Belenenses), 56,91 m., 532 p.; Tomás de Macedo (S.), 46,03 m., 513 p.; António Cadete (A.), 45,58 m., 508 p.

Lançamento do martelo: Manuel da Silva (S.), 48,41 m., 856 p.; Herculano Mendes (A.), 44 m., 750 p.; Bustorff Ferro (B.), 33,96 m., 531 p.

Resumindo este enumerado, encontramos 24 vezes citado o Sporting, 21 o Benfica, 6 o Académico, 2 o Internacional e 1 o F. C. do Porto, Belenenses e Estrêla e Vigorosa.

Os atletas mais vezes indicados são Sampaio Peixoto, Martins Vieira e Matos Fernandes, cada um dos quais figura em três provas.

O festival de Sintra teve excelentes resultados

É digna de ser apontada como exemplo a seguir a inicializa do Sport União Sintrense, que em 23 de Setembro promoveu no seu campo da Portela um festival de atletismo, para apresentação dos internacionais do Benfica e do Sporting e para competição entre corredores iniciados dos clubes desportivos do concelho, e cuja referência não pôde, por lamentável equívoco, figurar em devido tempo nesta revista.

Temos, duplamente, motivos para regozijo: porque se obteve

excelente propaganda, que mais eficaz poderia ter sido ainda se o organismo organizador houvesse promovido maior e mais antecipado reclamo local do seu propósito, e porque os atletas concorrentes demonstraram o melhor da sua forma e conseguiram alguns dos mais expressivos resultados da época.

O Sport União Sintrense manifestou o seu desejo de conservar o torneio de atletismo no programa anual das suas organizações, o que autoriza a supor o seu interesse pela prática da modalidade, para a qual conta já com a colaboração orientadora e preciosa do antigo corredor António Fontes, que foi a alma deste festival, cujo êxito a ãle se deve unicamente.

Entre os resultados verificados, temos de salientar em primeiro lugar o salto de 1,85 m. em altura, conseguido por Matos Fernandes, e, depois, o seu tempo de 36,7 s. nos 300 m.; os 2 m. 40,6 s. de Vicente e os 2 m. 41 s. de Pires de Almeida, nos 1000 m.; os 1 m. 10,6 s. de João Jacinto e 1 m. 11 s. de Vitor Manuel, nos 500 m.— para todos levando em conta o curto perímetro da pista, inferior a trezentos metros— e ainda, para final, o tempo da estafeta sueca do Benfica (Matos Fernandes, Meireles, Eleutério e Paquete), que bate o «record» nacional com 2 m. 4,2 s.

Nos concursos, mostraram ainda boa forma os saltadores em comprimento, que alcançaram ambas a sua melhor marca: João Vieira, com 6,76 m., apesar de péssima queda, com os joelhos flectidos e o tronco apumado, e Moniz Pereira, com 6,42 m.

Os lançadores Ruivo e Manuel da Silva foram os «ases» mais apagados. O primeiro lançou o péso a 12,56 m. e o segundo o disco a 37,84 m.

CURIOSIDADES...

SANTO HUBERTO patrono dos caçadores

DE extremo a extremo de Portugal, os caçadores lançaram-se por montes e vales, indiferentes ao sol ou à chuva, em perseguição de peças que, ufanos, penduram do cinto, troféus afirmativos das suas boas pontarias.

Mesmo aquêles que deixam passar a caça não se privam dessa exibição... — à custa do esportulamento de escudos compensadores de caça abalida... por companheiros. O que é necessário é não fazer má figura!

De peripécias todos êles são protagonistas. Anedotas também não há nenhuma que não os saiba contar... e com bastante graça... Mas a origem do seu patrono, Santo Huberto—isso é que a quasi totalidade desconhece.

Ora o patrono dos caçadores, no seu tempo, à falta de armas de fogo, abalía perdizes e codornizes com a espantosa pontaria das suas flechas. Ave que passasse perto, era certo que não escapava à flecha veloz e certa de Huberto, casado com Floribana, filha de Dagoberto, conde de Lovaina. Muito religioso, Huberto passava o tempo entre o culto divino e o percorrer dos bosques, a cavallo, em demanda de caça.

Nas florestas das Ardenas,

numa sexta-feira Santa, Huberto viu aproximar-se um corpalento veado. A flecha ficou logo preparada e os olhares do caçador fôzaram, fixos na bela presa, que decerto procuraria, dentro de breves instantes, numa fuga veloz, evitar a morte certa. Mas com enorme surpresa do jovem, o animal dirigiu-se ao caçador. Alento, Huberto notou que o veado trazia uma cruz fosforescente entre os galhos. Estupefacto, Huberto caiu de joelhos, de mãos postas, a orar.

Sereno, o veado continuou os seus passos em direcção ao caçador. E falou-lhe...

— Huberto!... Quando deixares de perseguir os passivos animais dos bosques? Quando esqueceres essa paixão, pela qual deixas o teu bem estar? Se não te converteres, tomando a resolução de abraçares vida melhor, serás precipitado nas profundas do Inferno!...

Isto trouxe a tradição até aos nossos dias. Segundo também ela, Huberto, seguindo o exemplo de S. Paulo, saiu do castelo de Jupille, onde estava com Pepino, e foi para Maestrich, juntar-se a S. Lambert, que lhe deu óptimas lições e bons exemplos.

E Huberto converteu-se em

Gazetilha Sinfonia bárbara

Aí vem o bolo, que rola e rebola, que bate no tolo, que bate no pé, que mói a cachola ao pobre do Zé! Ao Zé do peço que leva encontrão, sóco e bofelão, que berra e que grita e chama aldreão ao homem qu'apita!...

P'ra onde vai de rompane, tudo levando adiante? É ê tôlo ou ensandeceu?...

— Não estou para o alur... Vou ao Estádio... ver jogar o Peyroleo!...

— De vermelho assim vestida, onde vais lôda garrida, ó silfide, ó meriposa?

— Vestida desta maneira, vou à «ilha do madeiro» ver o Rosel!...

— Onde vais lôda louçã, a sorrir, já de manhã, ó cachopa airosa e bela?

— Deixe-se lá de facécias... Vou ver jogar, nas Salésias, o Cepela!...

— Onde vais lão mal disposto, Como denota o teu rôsto, com êsse aspecto marmôreo?

— Sinto arrepios na espinha, e vou chamar, na Tapadinha, p'lo Gregório!...

— Ó colso, onde é que tu vais, de combóio p'ra Cascais? Vais passear 'té à barra?

— Vou mais perto — ao Estoril, ver num joguinho «baril», o Sbarra!...

— Com êsse traje à «pi-pi», como igual outro não vi, onde vais, ó Arnaldo?

— P'ros lãdos do Lumlar... Vou à Cuf ver jogar o Osvaldo!...

Aí está o bolo que salta, para alegria do melto que do bolo sente falta, quando a bolinha descansa e na relva não ressoa... Mas vai começar a dança, vai começar o torneio, e como manda o sorteio, lá vai o bolo p'ro melo da «égula» e do «leão»!...

E todos jogam em chelo, Só os da Cuf é que não!...

Salpicos

Santo Huberto, patrono, afinal, dos caçadores...

Como dados biográficos, diremos que Santo Huberto nasceu em 656 e faleceu em 727, portanto com a idade de 71 anos, na sua casa de campo, em Fure, próximo de Liège.

E aqui têm os devotos de Santo Huberto, a traços largos, a origem da curiosa lenda do seu padroeiro...

J. N. C.

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Voltou o futebol ao plano que por direito de senhor da grande popularidade ocupa há longos anos na actividade desportiva. Começaram por todo o país as competições oficiais, este ano acompanhadas de particular interesse pelas circunstâncias muito especiais que agilaram o meio nas esferas dirigentes.

Os escassos meses do defeso, considerados em geral como a época adormecida de interesse para o grande publico frequentador dos campos de desporto, desmentiram este ano o conceito graças ao estimulante das competições internacionais, que tanto valorizaram os calendários portugueses do remo, da natação, da vela e, sobre todos, do atletismo.

Nunca, em 24 anos de existência organizada, a prática dos exercícios atléticos havia conseguido atingir tão elevado nível técnico, tamanha projecção no espirito publico e tão significativos êxitos para serviço da sua propaganda. As actividades, que habitualmente cessavam em Julho, com os Nacionais, duraram até fim de Setembro, sem perda de entusiasmo e com sucessivas provas da boa forma dos praticantes.

A temporada encerra o seu balanço com o activo de 25 novos «recordes» estabelecidos, número susceptível ainda de alteração, pois anunciam-se propósitos de tentativas por parte de alguns corredores que desejam aproveitar ainda a sua boa condição—e é legítimo supor que a prova do decalco, marcada para sexta-feira e sábado próximos, nos oferecerá mais alguma agradável surpresa, que encerrará com chave de ouro a época áurea do atletismo português.

NO ESTRANGEIRO

O desporto pacífico rollou a ser dono do ajamado estádio da floresta de Buchenwald, onde em 1936 se celebraram as competições dos últimos Jogos Olímpicos. Soldados-alleas pertencentes aos exércitos de ocupação da zona de Berlim, americanos, ingleses e franceses—porque os russos, à própria hora do torneio, decidiram retirar-se para as bancadas—lutaram na pista e nos terrenos de concursos sobre os quais, há nove anos, exibiram a sua classe, ante multidões entusiasmadas, os mais célebres representantes de todas as nações do mundo—esse mundo que a loucura sangrenta da guerra devastou depois na maior chacina da história.

A organização deste concurso atlético parece provar que a sanha dos bombardeamentos poupou o grandioso estádio, conservando-o para os destinos merecidos pelas suas gloriosas tradições. Dias voltarão em que os ódios e ressentimentos desaparecidos permitam de novo que se estreitem, nos elos da sincera camaradagem desportiva, as relações entre as juventudes de todos os povos, que sofrem agora, ainda, os reflexos do desaire universal.

Os americanos foram os vencedores deste certame inter-aliado, cuja assistência era vedada aos alemães; ganharam a maioria das provas, com marcas que, muito naturalmente, nada tiveram de famosas. A mais notável foi ainda a do salto em altura, no qual o sargento Watkins transpôs 1.94 m.

Os ingleses venceram os 200 m. (J. Scott, em 22,7 s.) e a estafeta 4x400 m., em 3 m. 37 s., e o ouro do soldado francês Boibé conseguiu o primeiro lugar na corrida de 800 metros, no tempo de 2 m. 4 s.

HIPISMO

Henrique Calado, no «Brioso III» ganhou a «Taça Farinha Beirão»

A «Taça Farinha Beirão», instituída, em 1942, pela G. N. R., em homenagem ao seu falecido comandante, dá lugar todos os anos a uma prova entusiasticamente disputada e constituiu sempre um dos programas de maior interesse da nossa agenda hípica.

Por cláusula do regulamento, a organização do festival cabe à unidade a que pertença o cavaleiro que tenha obtido a vitória no ano anterior. Assim, pertenceu agora ao Depósito de Remonta a preparação do programa. Pela primeira vez a «Taça Farinha Beirão» foi disputada em Mafra, no magnifico hipódromo daquele estabelecimento militar, e presenciada por um publico diferente, que acompanhou o desenrolar da luta com verdadeiro interesse.

Disputada pelos mesmos moldes dos anos anteriores, a prova estava dividida em duas mãos: a primeira, destinada a todos os

inscritos, e a segunda apenas aquêles que conseguissem percursos limpos na anterior.

Coube a vitória ao alferes Henrique Calado, no «Brioso», que se colocou brilhantemente na vanguarda da classificação, batendo os 43 cavaleiros inscritos. O conhecido concursista internacional incluiu o seu nome na lista dos vencedores da «Taça Farinha Beirão» e manteve o Depósito de Remonta na posse do valioso troféu.

Os três prémios restantes foram obtidos por Henrique Calado, no «Abrunho», Barros e Cunha, no «Jocosso», e José Morais, no «Marvão», que se classificaram por esta ordem.

Convém esclarecer que a segunda mão concorreram 16 cavaleiros, tantos quantos haviam alcançado percursos sem faltas, mas no segundo percurso só dois limparam—«Brioso» e «Abrunho».

AINDA OS CAMPEONATOS IBÉRICOS DE REMO

Publicam-se algumas curiosas afirmações

de D. JUAN FARRE

da Federação Espanhola de Remo

através de uma entrevista concedida à STADIUM

OS três dirigentes espanhóis—D. Juan Farré, D. Martínez Llobet e D. Jaime Giral—que acompanharam os remadores do país vizinho a Viana do Castelo, conquistaram simpatias gerais.

Foram bons embaixadores do remo espanhol.

Regressaram satisfeitos pela recepção e garantiram-nos que o seu trabalho ia intensificar-se. Lá como cá, a modalidade caminha para melhor progresso,

os campeonatos de «out-rigger» e «shell» e em 1943 podíamos receber em Barcelona os remadores portugueses.

—O remo em Espanha aproxima-se então de um progresso que o imporá?

—Sem dúvida. Estamos trabalhando animados do maior entusiasmo. Os progressos vão sendo conhecidos e por forma a satisfazerem-nos. O remo será em Espanha, dentro em pouco, a modalidade que arrancará para o desporto nacional jornadas de grandes triunfos.

«A actual direcção da Federação Espanhola de Remo, nomeada pela Delegação Nacional de Desportos há dois anos, tem trabalhado com afinco para intensificar o desporto do remo no país, procurando que os antigos remadores sejam os melhores mestres dos que fazem agora os seus primeiros treinos.

«Na presidência da Federação está um elemento de grande prestigio, D. Juan B. Erice. É um antigo desportista, que foi campeão de Espanha do salto à vara e praticou ciclismo, hipismo e outros desportos. A renovação do remo espanhol deve muito ao seu prestigio.

—Que impressão colhe do remo português?

—Notei muito entusiasmo e cuidada preparação. Reconheço nas tripulações boa qualidade e a continuarem a preparação que verifiquemos ser-lhes necessária, para melhor aproveitamento das boas qualidades dos remadores portugueses, Portugal tornar-se-á magnifico e difícil competidor!

—Nota diferença sensível entre o que via em Barcelona e depois em Viana?

—Certamente. O conjunto de tripulações que vi no belo estádio vianense forneceu-me elementos para estabelecer esse confronto. Melhoría absoluta! Equipas fortes, evidenciando em muitos portadores maior e melhor aperfeiçoamento.

—Que opinião nos dá acerca do valor técnico dos remadores espanhóis e portugueses?

—Em ambos os países se melhorou muito, verificando-se que, após as regatas de Barcelona, em 1943, portugueses e espanhóis se aplicaram com dedicação no seu aperfeiçoamento técnico.

«De um lado e de outro evoluiu-se o nível técnico e isto impedia qualquer ideia de prognósticos, quanto às regatas ibéricas. As tripulações apresentavam-se com características muito de igual para igual.

—Que impressão colhe das regatas?

—As melhores. Tendes em Viana um magnifico «campo» de regatas!

«O nosso reconhecimento pelas atenções recebidas, não só dos dirigentes desportivos, como do Município e autoridades, é grande. Tudo correu muito bem e fomos amados de gentilezas.

(Continua na pagina 12)



D. JUAN FARRE

procurando tirar partido—como nós—do facto da Espanha ter sido, na Europa, enquanto a guerra foi semeando a destruição, um país que continuou animadamente a sua preparação desportiva. O futuro há-de dizer-nos a importância deste portador.

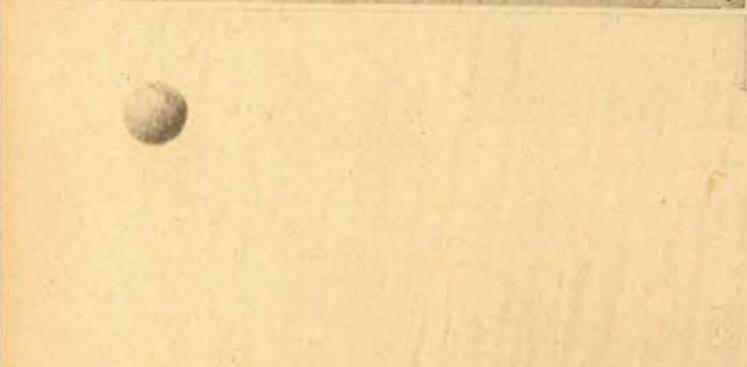
D. Juan Farré, vice-presidente-secretário da Federação Espanhola, transmitiu-nos algumas impressões acerca do remo espanhol.

—Em Espanha tem-se trabalhado quanto se tem podido—diz-nos.

«A guerra, quando envolveu a terra espanhola, destruiu a modalidade. Barcelona e Tarragona conseguiram, no entanto, recuperar o perdido, não só pela sua melhor situação, como pelo facto de serem os dois centros espanhóis onde o remo goza de maior prestigio e expansão. Ao mesmo tempo, a Federação Espanhola procurou que os clubes retomassem a sua actividade e animou-os de tal forma que foi possível, pouco depois, organizar uma regata de baleceiras e traíneiras e o campeonato de Espanha, em «shells» de 4 e 8, se bem que só com tripulações daquelas duas cidades. Seguiu-se o campeonato de «yolles».

«Em 1942 colhiam-se já os melhores resultados dessa animosa campanha. Disputaram-se

Logo na 1ª jornada o Sporting venceu o Benfica...



NO VIBRANTE JÓGO DO CAMPO GRANDE
 1—O primeiro «goal» oficial da época em Lisboa: o ponto marcado por Albano nas rédes de Martins, nos minutos iniciais do encontro; 2—O esforço de Peyroteo num remate de cabeça. Moreira e Cerqueira procuram interceptá-lo, enquanto Armando Ferreira observa a jogada; 3—De novo Peyroteo na luta... Gaspar Pinto, porém, conseguiu repellar a bola; 4—Jesus Correia marca o «goal» que não foi validado. Observar as curiosas expressões de Gaspar, Peyroteo e Moreira — cada uma delas reflectindo sentimentos bem diferentes...; 5—Peyroteo esteve sempre na «brecha». El-lo em luta com Telxira III; no limite da área perigosa; 6—Apesar deste voo, Azevedo não consegue evitar o empate, de «penalty»; 7—Cardoso corta a tempo uma avançada conduzida por Espírito Santo e Rogério.



ATLETISMO

O EXEMPLO DO VILANOVENSE F. C.

com o seu regresso à actividade

ENTRE os factos de assinalar no decorrer da época de 1945, um dos que mais valorizaram o atletismo nortenho foi, sem dúvida, o regresso do Vilanovense F. C. à actividade, do qual andava arredado há uma boa meia dúzia de anos. É tão importante nos parece o acontecimento em causa — pelo magnífico exemplo que fornece — que não hesitamos em o trazer antes de qualquer outro à análise final da época.

Se é inevitável que o atletismo nortenho tem acusado rápidos progressos nestes dois últimos anos — em especial na época passada — eles não são, contudo, de molde a pensar na perfeição — longe ainda de se atingir. É necessário, em primeiro lugar, conseguir chamar à actividade o maior número possível de clubes.

Praticamente, a modalidade tem vivido da existência das equipas do F. C. do Pôrto e do Académico. Ora isto é pouco — muito pouco mesmo... Porque não criam secções atléticas os clubes como o Boavista, o Leixões, o Leça, o Ramaldense e outros mais? Por que não ressurgem as secções do Sport, do Salgueiros e do Gala? Porque não dão maior expansão à sua actividade o Vigoroso e o Operário?

Um pouco de apatia, por certo, tem obstado à sua presença nas pistas — mas é necessário, desde já, combater comodismos e animar, simultaneamente, energias adormecidas... Conseguindo este objectivo, o atletismo nortenho alcançará finalmente uma bitola de progresso que a todos satisfará.

É oportuno, pois, lembrar nesta altura o salutar exemplo do Vilanovense F. C., colectividade que já este ano se apresentou de maneira agradável e que promete continuar uma obra cheia de profundidade e de merecimento. Na equipa gaíense existem alguns jovens valores, como Armando Morais e António Rodrigues, a par de outros ainda em preparação esperançosa. E aqui está como a boa-vontade e o entusiasmo conseguiram, numa só época, dar a uma equipa certo relevo, que o futuro há-de confirmar agradavelmente.

Mas o Vilanovense F. C. não se limitou à presença em todas as organizações — o que já não seria pouco... Foi mais longe: levou a efeito o mais importante torneio da época, com prémios de milhares de escudos. Isto é: deu-nos prova cabal de que não é fútil o seu entusiasmo e dedicação pelo atletismo.

A obra do Vilanovense F. C. — devida à acção dinâmica de Manuel Lopes dos Santos e de Fernando Rodrigues — fica, pois, como dos factos mais salientes do atletismo nortenho, na época de 1945, e como exemplo magnífico que deve ser seguido por outras colectividades.

Oxalá tal exemplo frutifique!

EDUARDO SOARES

ASSINE A «STADIUM»

Stadium

Stadium na Capital do Norte

«O PRIMEIRO MILHO É DOS PARDAIS»...

OS resultados feitos nos primeiros encontros do Campeonato Regional de Futebol vieram criar muitas quiméras e desfazer muitas ilusões.

Se, por um lado, se denunciou equilíbrio incontestável na luta que pôs frente a frente os velhos rivais da beira-mar — o Leça e o Leixões, por outro a derrota expressiva do campeão, infligida pelo Boavista, e o resultado «tangentemente» na pugna Salgueiros-Ramaldense, são pormenores que ficam a marcar uma data, mas que não podem servir de base para se construir «castelos no ar», em relação ao futuro.

Em boa verdade, o Salgueiros claudicou ligeiramente em face do Ramaldense, «estreado» no campeonato da 1.ª divisão portuguesa, obtendo uma vitória que

A Imprensa espera...

EM todos os começos de época de futebol é quasi certo que um ou outro dos nossos camaradas de imprensa nesta cidade vem à baila com os lugares impróprios que são postos à disposição dos jornalistas desportivos em alguns campos.

A todas essas investidas, corresponde, anilormemente, o maior desinteresse por parte dos clubes. Tendo da missão da imprensa uma ideia muito incompleta, não procuram conceder nos seus representantes aquelas facilidades indispensáveis para que a sua missão se exerça sem atritos.

De maneira geral, não há independência para quem trabalha. Os lugares que nos são destinados ou estão em contacto directo com o público, ou, pela sua exiguidade, mal consentem que, comprimidos e acamados, neles se instalem os jornalistas que tratam de desporto. Em certos campos essa tarefa é mesmo erigida de dificuldades de toda a ordem.

Já por duas vezes, recentemente, jornais desta cidade se referiram ao assunto. Mas a indiferença — apesar de se terem apontado deliberadamente quais os campos sobre que há reparos a fazer — mantém-se, nam desprimor que chega a ser descoratista.

Ora a Imprensa, pelo muito que tem feito pelo desporto — o futebol deve-lhe grande parte do seu êxito — não pode continuar sujeita a contingências como as que apontamos. Há, pois, que obter, seja como for, que os clubes desportivos tenham para com os jornais aquela atenção elementar que merece alguém que hospedamos.

A Imprensa espera que, de uma vez para sempre, a sua acção seja compreendida.

não foi nítida, pois um dos pontos deixou dúvidas e o Ramaldense perdeu um «penalty» que poderia alterar a feição do encontro.

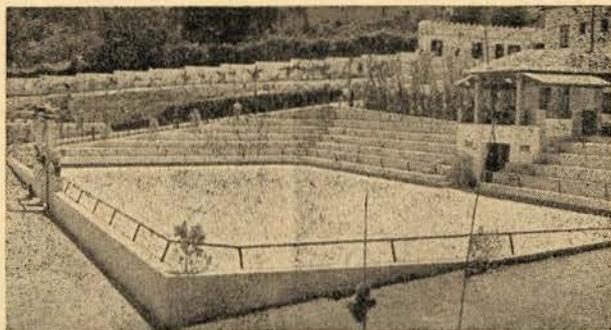
Quanto ao F. C. do Pôrto, o resultado obtido pelo Boavista não pode servir para outro comentário senão que os campeões têm necessidade de se acautelarem, pois os adversários apresentam-se com estôfo para tentarem entrar a sua marcha. Será assim? Teremos, finalmente, um campeonato de equilíbrio entre os «velhos» agrupamentos da 1.ª divisão, ou o F. C. do Pôrto dominará abertamente, como costuma fazer, os seus contendores?

O Boavista é grupo aguerrido e combativo, residindo o seu «defeito» no pouco jeito que os seus avançados têm em acertar com a baliza... Se este «lapso» desaparecer, o Boavista deve dar que fazer aos seus «inimigos» — e que escrever... Ponto é que esta habilidade agora esboçada se manifeste com exuberância no decorrer do torneio.

Se esta feição nova do Boavista pode causar engulhos aos simpatizantes de outros clubes da mesma divisão, para os baírristas — que põem acima dos interesses especiais dos clubes os interesses gerais da região... — tal

(Continua na página 15)

Um belo «rink» de patinagem desconhecido dos desportistas nortenhos



HÁ iniciais particulares em prol do desporto que fencem, a maioria das vezes, por falta de estímulo das entidades oficiais.

Vila Nova de Gaia, que tem dado numerosa legião de desportistas, possui, ignorado do público desportivo português, o melhor «rink» de patinagem. Construído de cimento, num local agradável e pouco distante do Pôrto, o recinto de jogos é espaço como nenhum outro. Domina-o uma tribuna coberta e é cercado por bancadas, também de cimento, onde acomoda grande número de assistentes.

MOSAICOS nortenhos...

BEM dizíamos nós, há semanas, que o assunto «campo das Antas», para o F. C. do Pôrto, não estava de todo prejudicado. Sabíamos de «fonte segura» que alguma coisa se passava, mas não queríamos, evidentemente, prejudicar os propósitos do clube campeão do Norte. Poderemos dizer hoje, portanto, que Stadium deu mais uma informação oportuna, certa e cuidada: no campo das Antas ficará instalado o F. C. do Pôrto.

♦ O RELATÓRIO do F. C. do Pôrto surpreendeu pela sua apresentação e pela sinceridade dos seus mapas desportivos e financeiros. Os 8.000 associados do importante clube nortenho deram-lhe apoio entusiástico, na última assembleia geral. Os sócios, de modo indiscutível, estão com os seus directores.

♦ O BOAVISTA obteve uma bonita vitória. Ganhar por 4-0 ao F. C. do Pôrto, mesmo com o falto de Guilhar, Barrigana, Octaviano, Gomes da Costa e Correia Dias, é demonstrar muito valor.

Podem contar-se, certamente, com o popular clube do Bessa.

♦ O LIMA, belo campo de outros tempos, está actualmente muito mal tratado. Simplesmente lamentável. A pista — um desastre. O terreno de futebol — uma saúde...

Assim, a falta de bons campos, na capital do Norte, é agora mais sensível. Lamentamo-lo.

♦ O «BASKETBALL» português movimentou-se já. Vasco da Gama e F. C. do Pôrto organizaram os seus torneios entre sócios — e jogos as noites assistimos a jogos entusiásticos. Haverá revelações. Com certeza. E oxalá, visto que para isso trabalham os clubes.

O seu proprietário, sr. Honório Tavares da Costa, vai pôr em disputa uma artística laça, num torneio de «hockey» em patins entre alguns grupos portugueses.

Esta iniciativa, louvável a todos os títulos, merece da Associação de Patinagem do Norte carinho especial, sendo de justiça que, com fins de propaganda de modalidade, essa entidade nortenha faça realizar nesse recinto alguns jogos de campeonato regional.

Embora contando inúmeros adeptos, Vila Nova de Gaia não tem nenhum clube a praticar tão interessante desporto.

Eduardo Lopes

renovando o seu belo comportamento da penúltima prova, ganhou com autoridade o IV Circuito da Malveira

DEPOIS de uma corrida em que demonstrou excepcionais qualidades de brio, inteligência e acentuado espírito de equipa, Eduardo Lopes ganhou, com merecimento, o «IV Circuito da Malveira», magnífica competição que um grupo de desportistas locais, presididos pelo conhecido corredor Túlio Pereira, fez disputar, no domingo, em ambiente de grande entusiasmo e com organização que pode considerar-se modelar.

Atleticamente, este circuito foi, de todos os promovidos até agora na Malveira, o de maior valor. As trinta voltas da prova — perto de 85 quilómetros — cobriram-nas, os quatro primeiros classificados, em 1 h., 47 m. e 50 s., ou seja menos 1 m. 34 s. que o melhor tempo da competição.

Foram principais artífices desta magnífica prova — mais de 36 quilómetros de média — o vencedor Lopes, que nunca deixou «ador-mecer» o pelotão da frente, impondo o seu «passo» rápido e uniforme, com o intuito de não permitir a «recolagem» de Lourenço, atrasado a partir da quarta volta; Driss, que depois de tentar isolar-se, sem êxito, passou a cooperar com Lopes no comando das operações; e Manique e Rocha, também sempre dispostos, enquanto puderam, a ajudar os dois primeiros na brilhante tarefa de não se deixarem alcançar.

Mas a nota emotiva da corrida proporcionaram-na Jorge Pereira e Lourenço, durante as suas tentativas para se integrarem no pelotão da frente. Jorge Pereira, que «furara» logo a seguir a Lourenço e a Lopes (este também chegou a ter 30 s. de atraso dos primeiros), ainda «recolou» após uma «caça» voluntariosa, como a querer remir-se da sua quebra de vontade na prova do Livramento. Todavia, o esforço foi violento, obrigando-o a ceder mais tarde. Mas Lourenço, não obstante chegar a recuperar 35 s. do minuto e meio que perdera a mudar de máquina, não conseguiu ir até à frente e viu-se ainda relegado para posição inferior, mercê de novo «furo», já perto do fim.

De novo actuando longe de companheiros de equipa, Aristides fez uma prova a defender a sua classificação individual, reagindo até nas últimas voltas, quando notou que Lourenço já não podia «recolar», só para que Manuel Rocha — que seguia a 15 s. do pelotão — nele se não integrasse e não viesse a batê-lo.

Foram corajosas as provas feitas pelos homens do Lisgás, porque, embora perdendo contacto amigável com os vários pelotões em que se encorporavam, sendo por isso forçados a fazer a maior parte do percurso isolados, nem por isso deixaram de lutar com brio, classificando-se, no conjunto, apenas a 2 pontos da equipa do Sporting — esta, é certo, em dia infeliz.

Assinale-se, porém, que os «leões», mesmo sem qualquer avaria, dificilmente conseguiriam bater os «iluminantes» — equipa

O CAMPEONATO

DA II DIVISÃO DA A. F. L.

PRINCIPIOU no último domingo mais um campeonato da II divisão da A. F. L. — uma prova que tem tradições na mais importante associação de futebol do País e que serve excelentemente a propagação da modalidade.

Torneio caracterizadamente beirista, pode dizer-se que interessa aos desportistas da Graça, de Chelas, de Mervila, dos Olivais e de Sacavenem, localidades com clubes muito «seus», ligados à competição.

O «elenco» de 1945-46 é o mesmo da época transacta: Chelas, Fósforos, Futebol Benfica, S. L. Olivais, Sacavenense, Operário, Marvilense e Casa Pia. Mas nem por isso a luta perde interesse. Os resultados de 1944-45 estão esquecidos — e agora todos vêm por e luta animados dos melhores desejos de conquistar um bom lugar.

A primeira jornada do 12.º campeonato foi de expectativa. Apresentação de jogadores novos e estudo de possibilidades. Concluídos os jogos de domingo passado, anotaram-se os seguintes resultados: Futebol Benfica-Fósforos, 1-1; S. L. Olivais-Chelas, 1-5; Marvilense-Sacavenense, 5-1; Casa Pia-Operário, 1-3.

Todos estes encontros se efectuaram nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Tendo em atenção o comportamento das equipas na temporada finda, o primeiro dos citados encontros era tido como o mais importante da «ronda». Os benfiquenses obtiveram um resultado algo lisonjeiro, pois o adversário foi a melhor equipa do terreno. O resultado fez-se na primeira parte, período em que o «keeper» do F. Benfica se exibiu muito bem.

Os oliveiros não foram por o Chelas o adversário difícil que nos habituamos a ver, quando jogando no seu campo, pois só no declinar do primeiro tempo se mostraram de altura do adversário. Fora disso, o Chelas dominou — e bem, a justificar o título de campeão.

Os marvilenses começaram bem a prova — ao contrário do que era hábito... E de aguardar nova exibição para nos certificarmos de sua vitória expressiva é consequência da sua melhoria ou da inferioridade do Sacavenense. Esta é a dúvida que o jogo nos deixou.

O Casa Pia parece disposto a repelir o carrelho das últimas épocas. A equipa joga, se não durante todo o encontro, pelo menos durante largos períodos, melhor do que o adversário. Mas no fim sei do campo derrotado... A vantagem do Operário, no segundo tempo, foi menor do que havia sido a do Casa Pia no primeiro. Mas teve avançados mais expeditos...

ZÉ DO PEÃO

que desta feita, ao contrário do que sucedeu no Sobral e no Livramento, se mostrou a mais homogênea de todas que estiveram na luta.

Algo de desinteresse da parte de Carlos Quadros — que parece conformar-se de mais com os seus acidentes, e provas voluntaristas de Guilherme Jacinto, Pinguinhas e Inácio, este mais uma vez um bom elemento de equipa.

GIL MOREIRA

NO LUSO, EM CASCAIS E OEIRAS

O «tennis» está em franca actividade. Cada semana, cada torneio, num sintoma evidente do interesse que os clubes e os organizadores dispensam à modalidade. E não se diga que este interesse não conduz a resultados benéficos, para a valorização do «tennis». A melhoria de forma dos nossos jogadores não oferece dúvidas — e daí uma série de campeonatos plenos de animação e lutas bem disputadas. Foi assim em Cascais, depois no Luso, a seguir em Oeiras e, de novo, em Cascais.

Romanoni e Roquete em evidência

Os campeonatos do Luso podem ficar para a história da temporada como os de maior interesse, a seguir aos da Curia. O engenheiro André Navarro caprichou na organização do certame, os jogadores corresponderam e o êxito ficou, de antemão, assegurado.

Romanoni foi para os frequentadores das acolhedoras terras o grande atractivo, ainda que a presença de José Roquete, Azevedo Gomes e Peggy Brixhe — três detentores de títulos de campeão de Portugal — chegasse para valorizar bastante o grupo de concorrentes. Depois, a natural expectativa à volta do embate entre jogadores do Porto e Lisboa... — porque os Campeonatos do Luso foram sempre os que melhor serviram a rivalidade existente entre os «tennistas» das duas regiões. Este ano, porém, essa curiosidade não pôde ser satisfeita, porque o sorteio foi demasiado caprichoso em não colocar frente a frente lisboetas e portugueses. A percentagem de encontros nestas condições foi escassíssima.

Disputaram-se quatro provas: singulares masculinos e femininos, pares-homens e «mistos». Uma referência só serve para as quatro competições. Os vencedores foram os favoritos: Romanoni, Peggy Brixhe, Roquete-Azevedo Gomes e Roquete-Peggy Brixhe.

A final mais interessante foi, indubitavelmente, a de singulares-homens. Roquete não resistiu mais do que três «sets», mas a sua exibição, atenta a categoria do adversário, pode considerar-se brilhante.

Peggy Brixhe defrontou, na final, a campã de 2.ª categoria, Jacqueline Farrel. O encontro teve para ela aspectos de treino.

A primeira derrota de Romanoni

O encontro Lisboa-Cascais, efectuado nos «courts» da Parada, proporcionou duas animadas jornadas de «tennis». A iniciativa da Federação foi coroada de êxito e deve ter continuação. Mais uma vez ficou demonstrado que nem só nos torneios individuais os nossos jogadores sabem ser briosos.

A nota sensacional deste encontro foi a vitória de Roquete sobre Romanoni. Mas esta «surpresa» justifica-se. O campeão de Portugal tem tirado proveito dos treinos com Romanoni — e este

jogaram-se torneios com grande entusiasmo

começa a acusar os efeitos da mais larga permanência entre nós, onde não tem adversário à altura. Acresce, ainda, que o jogador italiano ficou desorientado, depois de ter ganho a primeira partida, e só se recompôs quando o «receiro «set» ia adiantado. Era já tarde para ganhar, porque Roquete, sentindo a possibilidade de triunfar, deu tudo por tudo — como é de uso dizer-se. Em conclusão: Romanoni sofreu a primeira — e talvez única — derrota em frente de um jogador português.

A prova de «singulares-senhoras» forneceu segunda vitória de Peggy Brixhe sobre Gabriela Cantharino. Mas se da primeira vez o triunfo não foi convincente, agora ainda o foi menos. Gabriela dispôs das melhores ocasiões para ganhar, mas faltou-lhe convicção nas suas possibilidades... — que não desapareceram ainda.

Houve dois encontros de pares-homens. Cascais teve sempre como representantes Roquete e Ricciardi; Lisboa opôs-lhes Manuel e José Silva, da primeira vez, e Romanoni-José Silva, da segunda. No encontro em que entraram só portugueses, a luta, talvez porque estivesse em jogo o título de campeão de Portugal, foi mais renhida e Roquete-Ricciardi tardaram a impor superioridade.

O segundo encontro de «dobles» foi fraco — muito fraco, mesmo.

Em «mistos», Romanoni e Peggy Brixhe bateram o par campeão de Portugal, Roquete-Gabriela, sem motivo para surpresas.

E, assim, Cascais venceu Lisboa, por 3-2. Arquive-se a constituição do grupo vencedor: J. Roquete, E. Ricciardi e Gabriela Cantharino.

Azevedo Gomes em evidência

Os campeonatos de Oeiras forneceram uma competição animada. A bem dizer, não estiveram lá os «ases», o que, afinal, parece ter redundado em motivo de interesse.

Os melhores elementos da 2.ª categoria bateram-se galhardamente. A circunstância a realçar é a de Azevedo Gomes, actual campeão de Portugal, ter gan o as três provas em que era permitida a sua inscrição. A proeza estava a ser rara entre nós.

A seguir, deve salientar-se Joaquim Leitão, um elemento de 3.ª categoria, que foi finalista. Henrique Cunha e Teixeira Bastos foram, depois daqueles, os que mais se distinguiram — o primeiro em retorno de forma e o segundo a subir de valor.

Em «singulares» femininos ganhou uma portuguesa: Maria Teresa Cunha, jogadora de 1.ª categoria. Jacqueline foi finalista e adversária difícil.

Em pares-homens, Azevedo Gomes empareceou com Teixeira Bastos; e, em mistos, com Peggy Brixhe. As duas formações sobressairam dentre os concorrentes. Trunfos merecidos.

DRIVE

Stadium

Futebol nas Salestas e no Lumiar "A"

(Conclusão da página 3)

O pensamento da autoridade

O chefe João José de Moraes, que comanda há vinte anos a esquadra de polícia de Alcântara, também nos deu a sua opinião, exteriorizando verdadeiro contentamento pela obra do clube do seu bairro:

— Creia... Sinto-me vaidoso com este melhoramento! Isto é como que uma coroa de ouro, cinzelada com o entusiasmo e a dedicação do povo de Alcântara!...

Palavras do presidente do Sporting. dr. Barreira de Campos

O prestigioso presidente dos «leões» esteve na Tapadinha e entusiasmou-se com a bela festa desportiva que presenciou e com o admirável feito dos alcantarenses. Diz-nos com convicção:

— Gostei imenso, correspondendo a obra ao que eu esperava ver realizado pelo esforço e dedicação de homens como os que constituem a frente directiva do clube — e pela competência técnica do engenheiro Travassos Valdez.

Ao acaso, no meio da multidão...

Deambulávamos pelo lado nascente do campo. No tapete de relva, Sporting e Atlético disputavam o jogo de honra. As fases do encontro perdiam-se para nós além das filas compactas de espectadores colocadas mesmo junto do terreno. Há um movimento na multidão e um brado: «Goal!» Uma voz feminina, no mesmo grito, ferira-nos o ouvido, atrás de nós, pela sua estridência. Voltámo-nos. Uma jovem entusiasta dava largas à sua al-gria. Acercámo-nos, perante a «spectativa» de um cavalheiro colocado a seu lado e declinámos a nossa identidade. Queríamos uma opinião...

— Francamente: gosto! Quando os meus clubes...

— Os «seus clubes»?...

— Sim. Reúno a dupla e invulgar qualidade de sócia do Sporting... e do Benfica!... Por isso dizia: quando os meus clubes puserem de pé os seus projectos de novos campos...

— Que sucederá?

— Pois gostaria que fossem maiores — mas tão simpáticos como este!

— Achamos bem... Quer dizer-nos o seu nome? Publicá-lo emos, se no-lo permite.

A resposta fica em suspenso. É que o cavalheiro ao lado observa, sorridente:

— Agradecido... mas não deve ser necessário...

Voltámos a achar bem — e não insistimos. Há sentimentos que merecem o maior respeito...

Paiva e Silva, a dedicação personificada ao serviço do clube alcantarenses, condutor admirável da colectividade, fica com o seu nome ligado para sempre à obra do Atlético. Ao lado de Joaquim Nobre e Alvaro Cardoso, recolheu com toda a justiça a melhor parte dos louros conquistados naquela tarde de domingo.

Para ele tivemos uma pergunta diferente, mais simples: E agora?

— Vamos recomençar, ainda com maior entusiasmo, se é possível... Está aqui uma demonstração de quanto pode a vontade, a perseverança e o espírito de sacrifício. O trabalho vai prosseguir, para que possamos apresentar, no mais curto espaço de tempo, o dôb-o do que viram hoje...

E depois, com emoção:

— Por intermédio da *St. J. um* agradeço sinceramente ao público desportivo, que soube acarinhar o nosso esforço, acotreado em massa e dando-nos confiança maior para novos empreendimentos!

A festa acabava. Fôra uma bela jornada para o Atlético Clube de Portugal!

FERNANDO SA



1 — Valongo deixa escapar a bola saída da cabeça de Rafael; 2 — Como entrou o 2.º tento dos «azuis»; 3 — Capela epára uma bola alta em bom estilo; 4 e 5 — Duas fases colhidas no Lumiar-A, focando intervenções de Eduardo Santos e Correia, respectivamente.



1 — O «team» dos Leões de Gondomar: a partir do primeiro plano e da esquerda para a direita — Amarino, Geraldo, Adriano, Tacu, Pereira, Neca I, Lino, Marques, Neca II, João e Acácio. 2 — O grupo de honra do Vila Verde Atlético Clube, que tem adquirido bons resultados em jogos feitos nos distritos da Guarda e de Viseu.



3 — A equipa de honra do Clube Desportivo 1.º de Maio, de S. Gonçalo, Funchal. 4 — O «team» de «volleyball» do Rancho Regional da Palhavã, de 2.ª categoria. Este agrupamento já foi campeão de Setúbal em categorias de honra. 5 — O grupo de honra do Luso Futebol Clube Morenas, de Mora: da esquerda para a direita, 1.º plano — Ricardo, Palhinhas, Analdio, Guarda e Caldeira; 2.º plano — Sequeira (director), Elias, Vidigal, Pires, Poças II, Gamaliel, Poças I (capitão), Garcia (director) e A. Marques (presidente). 6 — A equipa do Académico Barcelos Clube, vencedores do campeonato popular realizado em Barcelos na última época



LEITORES: Enviem-nos boas fotografias de acontecimentos desportivos de interesse para as vossas regiões. Publicá-las-emos com prazer. Os clubes desportivos podem também enviar-nos fotografias das suas equipas representativas nesta nova temporada de futebol e outras desportos de inverno

que interessam
à província

ANADIA — O Anadia F. C. procedeu ao arrajo do seu campo de jogos. Os balneários receberam importantes melhoramentos.

CANEÇAS — Os desportistas locais estão interessadíssimos na prática dos desportos. Uma comissão de amigos de Canecas vai promover vários jogos e pode aguardar-se que a sua acção seja facilitada por todos.

ERICEIRA — O Grupo Desportista Ericicrense, para comemoração do seu 1.º aniversário, jogou com o Clube Sportivo de Loures. Os rapazes locais ganharam por 2-1.

NAZARÉ — O clube local, «Os Nazarenos», venceu o Império Mariense por 3-0, em jogo de campeonato. Este resultado foi recebido com demonstrações de alegria.

SETÚBAL — O Clube Naval Setubalense fez disputar a travessia do Sado em natação, mas compareceram apenas dois concorrentes, o que é lamentável. No entanto, mesmo estes desistiram.

VISEU — O Clube Académico, desta cidade, em jogo amigável, ganhou por 4-0 ao S. C. de Lamego.

CASTRO DAIRE — O grupo Desportivo Castrense, desta vila, constituído por elementos novos e habilidosos, propõe-se trabalhar no sentido de expandir o futebol.

Para que isso possa verificar-se, aguarda-se que a Camara Municipal promova a construção do novo campo de jogos. Já foi adquirido o terreno, facto que os desportistas apreciarão na devida oportunidade, mas reconhece-se urgência na construção do reclamado parque, a fim de ser um facto o progresso desportivo desta vila.

LAMAS — O União de Lamas, que já ostentou o título de campeão de Aveiro, viu-se embaraçado para concorrer ao campeonato de Aveiro, visto não ter campo de jogos. Foi socorrido, no entanto, pelo Clube Desportivo Feirense, de Vila da Feira, que lhe cedeu, por empréstimo, o seu.

Esta atitude admirável do clube feirense foi recebida em Lamas com extraordinário regozijo. Parece-nos oportuno lembrar à Federação Portuguesa de Futebol que o Desportivo de Lamas merece ser auxiliado. Os desportistas desta localidade aguardam que o antigo campeão de Aveiro receba alguns subsídios, como tem acontecido a outras colectividades, e por certo assim sucederá, mais hoje, mais amanhã.

FOZ DO DOURO — Ao contrário de notícias já publicadas, o União Futebol Clube da Foz do Douro não se extinguiu. O União possui actualmente grande número de associados. Nenhum outro clube desta freguesia tem mais socios.

O União F. C., da Foz do Douro, onde se criaram jogadores como o «internacional» Alvaro Pereira, Gabriel da Silva, Manuel Soares e José da Silva, espera construir um campo de jogos, para não perder o seu antigo prestígio.

Mangualde-Lamego

O Desportivo de Mangualde, agrupamento beirão que principia agora, está interessado na expansão do futebol no seu distrito. A Lamego acontece a mesma coisa. Isto quer dizer que há mais duas colectividades da Beira Alta a colaborar com os organismos dirigentes. Excelente que assim aconteça.

Lamego, onde há semanas foi inaugurado um excelente campo de jogos, concorrera ao campeonato distrital, o que há anos não acontece. Oxalá seja feliz. Bem o merece. Mangualde, onde um bom amigo, Arnaldo Casimiro, nos diz existir a melhor boa vontade — talvez esteja presente nas competições oficiais do próximo ano.

Por isso, duas boas notícias para o futebol beirão. Não nos cansaremos de pugnar pelo prestígio do seu futebol, variadíssimas vezes mal tratado. E mal encaminhado. Mas se a boa vontade de todos se manifesta, não nos repugna acreditar no seu futuro progresso.

As nossas informações dizem-nos que assim poderá acontecer, quanto a Lamego e a Mangualde. O Sporting lamecense, durante muitos anos ausente, depois de nos ter fornecido jogadores bons, como Figueiredo e Manuel Dias, que alinharam pelo Sport Comércio e Salgueiros, do Porto, possui uma esperançosa equipa. O Desportivo de Mangualde prepara-se cuidadosamente. Por enquanto, as derrotas não o devem perturbar. Assim se faz um «team», e se ganha uma campanha em favor do popular desporto.

Lamente-se, entretanto, que de Mortágua, por exemplo, não surja boa companhia. Se isso succedesse e se fossem criadas séries, a Norte e a Sul, poderia julgar-se que, mais tarde ou mais cedo, seria prestigiado o futebol beirão.

Bem se precisa disso na bonita província. Devem terminar de vez as dissidências — e tanto Lamego como o Desportivo de Mangualde não se recusarão a trabalhar nesse sentido.

São os votos sinceros da Stadium.

A vila de Mora
e a actividade dos seus clubes

MORA pertence ao número das vilas onde se trabalha com entusiasmo.

Ainda agora pôde ver-se isso mesmo no decurso de importantes torneios de futebol e de tiro aos pratos, enquadrados nas «Festas de Setembro».

No torneio de futebol, foi disputada a «Taça Lusó F. C. Morense», e nele tomaram parte o Sport Lisboa e Cabeção, Sporting Clube Brotense, Futebol Clube Paviense e Lusó Futebol Clube Morense.

Defrontaram-se em primeiro lugar o Lusó Morense e F. C. Paviense. Este encontro despertou pouco interesse, dada a categoria do Paviense, fundado há pouco. Mas nem por isso o público deixou de o acarinhar. O encontro não tem história, pois o Lusó Morense manobrou como quis, concluindo os quarenta minutos de jogo com o resultado de 8-0.

O segundo encontro, entre o S. L. e Cabeção e o Sporting Brotense, despertou enorme interesse, sendo disputado com entusiasmo. Ao fim dos quarenta minutos os dois grupos estavam empatados zero a zero.

Em virtude deste resultado, houve que recorrer a um tempo de quinze minutos, acabando este prolongamento também sem «goals». Mas a vitória foi dada ao Sporting Clube Brotense, por maior número de cantos.

Neste encontro distinguiram-se, pelo vencedor: Belga, Paló, Alberto e Reginaldo, o jogador mais esforçado no terreno. Pelo S. L. e

Cabeção tornaram-se notados Feijão e José Picardo.

Seguiu-se o encontro entre os dois finalistas: Sporting Brotense e Lusó Morense.

Pelo Lusó alinharam: Poeriras II, Florêncio e Pedro Gamalich Elias, Pires e Vidigal; Ricardo, Poeriras I, Toneca, Guarda e Caldeira.

Pelo Sporting Brotense: Paló; Belga e Moisés; Antero, Reginaldo e Alberto; Matos, Balhó, N. N., Russo e Sulidó.

O Sporting Brotense acusou o esforço despendido no seu primeiro jogo com o S. L. e Cabeção. Aos 10 minutos, Caldeira entregou em boas condições a Guarda. Este rematou e obteve o primeiro ponto do Lusó. Na segunda parte verificou-se acentuado domínio do Lusó Morense, que obteve mais dois tentos, por intermédio de Guarda e Toneca. E com o resultado de 3-0 terminou o encontro. A «Taça Lusó F. C. Morense» foi entregue ao vencedor.

—No torneio de tiro aos pratos, classificou-se «Quinto» em primeiro lugar. Foi-lhe atribuída, por isso, a «Taça Bombeiros Voluntários de Mora». O simpático atirador (Joaquim Filipe Branco Lopes) concorreu pela primeira vez, mas conseguiu impor-se, com extraordinário brilhantismo, a um lote de bons especialistas.

Em segundo lugar classificou-se Feliciano Reis, de Mont-morão-Novo. No terceiro posto — Francisco Amaral.

Está de parabéns a vila de Mora. Pela sua actividade e pela segura contribuição dos seus clubes em favor da expansão do desporto.

Desde 2 de Setembro, domingo a domingo, tem-se verificado o começo de vários campeonatos distritais de futebol. E agora, passado o primeiro mês sobre o fim do defeso, pode dizer-se que estão já em actividade todos os clubes do país.

Se não vejamos, num rápido relance sobre os jogos oficiais do último domingo!

ALGARVE — Quarta jornada do campeonato. O Olhanense, favorito da prova, venceu o Lusitano, clube com aspirações, por 5-0, alcançando assim o melhor resultado do dia.

O Louletano, com 5-1 ao S. L. de Faro, tirou apreensões quanto ao perigo do último lugar. E o Portimonense esteve em evidência, impondo um empate ao Farense, em Faro.

AVEIRO — Segunda jornada. Dois jogos ganhos pelos favoritos: o Sanjoanense Oliveirense (2-0) e o Sporting de Espinho-Ovarense (3-0). O Beira-Mar sofreu segunda derrota, em frente do União de Lamas, e por um resultado convincente (0-3).

BEJA — Primeira jornada. Só um encontro, em que o Lusó derrotou o Despertar por 3-0. Resultado normal.

BRAGA — Segunda jornada. Num dos encontros mais importantes do torneio o Vitória de Guimarães desembracou-se, e muito bem, do Famacião, por 4-1. Os «leões» de Braga continuam a evidenciar regularidade: 4-0 a Gil Vicente e 10-0 nos dois jogos. O Vianense ainda não correspondeu ao que dele se esperava. No domingo fez 2-2 contra o Sporting de Fafe.

CASTELO BRANCO — Primeira jornada. Um jogo desventurado, a não desmentir previsões, no qual o Sporting da Covilhã ganhou a «Os Covilhanenses» por 6-1. No outro equilíbrio, Sporting de Castelo Branco-Indústria Celbolense, um empate: 1-1.

COIMBRA — Segunda jornada. A grande surpresa do dia: a vitória do União sobre a Académica por 5-1. Um encontro animado por muitos «goals»: Lusitânia-Anadia, 4-7 — e um desafio equilibrado: Naval-Sport, 3-2.

PORTALEGRE — Primeira jornada. O campeão descansou. Mas o Sporting Elvense bastou para formar a ideia de que em Elvas estão as melhores equipas. Os «leões» de Elvas ganharam ao D. Portalegrense por 5-1. Mas outro clube de Portalegre salvou a honra do convento: o Estréla, que bateu o Campomaioirense por 3-1.

SETÚBAL — Quinta Jornada. E quinta vitória do grupo campeão, mas a menos expressiva de todas: 1-0, contra o Barreirense. O Ginásio do Sul retomou a sua boa carreira, batendo o Seixal por 3-1. O Amora sofreu quinto desaire, mas deu boa réplica ao Lusó (2-3). Os avançados do C. U. F. do Barreiro remediarão os erros da sua defesa e deram 6-4 aos montijenses.

VISEU — Primeira jornada. O resultado mais expressivo de todos: 17-1 do Académico aos Bodiiosenses. O Desportivo de Tondela venceu bem o Sporting de Lamego: 4-1.

facto só pode merecer expectativa, pois ditará a existência de um clube que, campeão ou «segundo», será bom parceiro para as lutas nos torneios maiores da Federação.

Admitindo a hipótese de o F. C. do Porto voltar a ser o titular — e a derrota sofrida não o afasta ainda da probabilidade de o ser, pois todos nós sabemos como os «azuis-brancos» são férteis em resolver situações extremas, — a presença de um parceiro que desbrave caminho e obtenha boa pontuação só pode concorrer para que o campeonato nacional anime, dando-nos encontros em que o vencedor aparecerá sob incógnita. Isto não tem sucedido até agora, pois a defesa das cores da cidade tem-se limitado à acção do campeão regional.

E' cedo, muito cedo ainda, para que possamos tirar-se conclusões. Pecarão por excessivamente confiantes — ou derrotistas...

Por isso se diz que o «primeiro milho... é dos pardais»...

Vamos a ver se acertamos neste prognóstico.

O F. C. DO PORTO ficará nas Antas

Está confirmada a notícia dada por «Stadium», no seu número de 29 de Agosto findo, sob o título «Cheverá brevemente uma boa novidade». Na última assembleia geral do clube campeão do Norte, comunicou o sr. Carlos Leão, presidente da Comissão Pró-Campo, — que o seu clube ficaria definitivamente instalado nas Antas. Foi já assinado o respectivo compromisso, pelo que felicitamos o popular colectividade.

REMO

(Continuação da página 7)

«Havemos de retribuir a recepção em Barcelona, quando do IV Campeonato Peninsular. É pena que não se pudesse efectuar a vossa visita em Setembro, como esperávamos. O Município de Barcelona e os desportistas preparavam-se para receber condignamente os remadores portugueses.

D. Joan Farré fala-nos depois das possibilidades do representação espanhola e portuguesa nas regatas internacionais que se efectuarão no próximo ano.

—Portugal e Espanha são actualmente os países que estão mais bem preparados em remo. Todo o interesse que se verifica agora há-de levar as duas nações peninsulares aos Campeonatos do Mundo e às Olimpíadas. E prevejo, sem dificuldade, que podem pertencer-lhes os primeiros lugares.

Com este patrocínio fechado D. Joan Farré as suas declarações.

FERNANDO SA

Informadora Automobilista do Sul

DE

Adelino Júlio da Costa Amaro

Trata documentos para automóveis e condutores

Sede: RUA CAMARA PESTANA, 17—Tel. 4 4927—LISBOA

CICLISMO

A II Prova de Iniciação «Flecha»

Organização da revista «Stadium» em colaboração com o Stand Flecha

COMO dissemos no nosso último número, *Stadium* promove de novo este ano, em colaboração com o Stand «Flecha», a «Prova de Iniciação Flecha», integrada no programa de realizações da nossa revista e com a finalidade de movimentar o ciclismo de competição.

Aquela prova será dividida em 4 tiradas e reservada a estradistas «iniciados» e a ciclistas que nunca tomaram parte em competições oficiais.

Afim de tornar conhecidas as características desta prova, publicamos a seguir o respectivo regulamento — que se encontra já aprovado pela Associação de Ciclismo do Sul.

Art.º 1.º — A revista *STADIUM* promove, nos dias 21 e 22 de Outubro, sob os regulamentos da Federação Portuguesa de Ciclismo, uma corrida em 4 etapas, denominada «Prova Iniciação Flecha» e reservada a corredores já inscritos na categoria de «iniciados» e a ciclistas com o máximo de 25 anos, feitos em 1945, que nunca tivessem participado em provas oficiais.

§ único — A definição da categoria de «iniciados» far-se-á segundo os regulamentos oficiais e tomando em conta a pontuação obtida à data da disputa da prova.

Art.º 2.º — Só serão admitidos na prova corredores que utilizem bicicletas com rodas de pneus e câmaras. Para cumprimento deste artigo, as bicicletas serão seladas à partida, sendo ainda obrigatório o uso de chapas numeradas nos quadros das máquinas.

Art.º 3.º — A corrida será efectuada nas seguintes datas e percursos: Dia 21 — 1.ª etapa: Avenida da Índia (frente à Refinaria Colonial), Cascais, estrada de Alcabideche, Alcabideche, Linho, Ramalhão e Sintra, com chegada na recta a caminho da estação. 2.ª etapa: Sintra, Lourel, Algueirão, Belas, Caneças, Carriche e Campo 28 de Maio. Dia 22 — 3.ª etapa: Campo 28 de Maio, Malveira e Torres Vedras, com chegada na recta da estação. 4.ª etapa: Torres Vedras, Runa, Póvoa da Galega, Venda, Pinheiro de Loures, Loures e Campo 28 de Maio. Distância total aproximada, a rectificar: 190 km.

§ 1.º — A partida para as 1.ª e 3.ª etapas é dada às 9.30 horas; para a 2.ª e 4.ª, às 16 horas. As concentrações dos corredores para a 1.ª e 3.ª tiradas efectua-se junto do Stand Flecha, às 9 horas prefixas.

§ 2.º — Tempo máximo para cada etapa: 20% de tolerância sobre o tempo do vencedor.

§ 3.º — Os corredores que numa etapa não se classificarem dentro do tempo regulamentar serão excluídos da prova, não podendo por isso tomar parte na etapa ou etapas seguintes.

Art.º 4.º — A classificação nas etapas será feita pela ordem de chegada, para atribuição dos prémios individuais, e pela soma de tempos para a classificação geral individual e por equipas.

§ 1.º — Se houver taças por equipas nas etapas, a classificação será feita pela soma de «tempos», servindo a ordem de chegada para desempatar, no caso de igualdade.

§ 2.º — No caso de empate na classificação individual, será este desfeito pela ordem de chegada em todas as etapas (1 ponto ao 1.º, 2 ao 2.º, etc.). Se o empate persistir serão os concorrentes classificados pela ordem de chegada na última etapa.

Art.º 5.º — São instituídos os seguintes prémios:

a) — Salvas para os clubes a que pertencerem os quatro primeiros classificados no final da prova — oferta da revista *Stadium*.

b) — Uma Bicicleta «Flecha», no valor de 2.250\$00, para o vencedor absoluto da corrida.

c) — 1 Quadro «Flecha» para o 2.º classificado.

d) — 1 par de rodas «Flecha», para o 3.º classificado.

e) — Acessórios de bicicleta, no valor de 200\$00, 150\$00 e 100\$00 escudos, respectivamente para os corredores classificados do 4.º ao 6.º lugares.

f) — Medalhas para os concorrentes classificados do 7.º ao 15.º lugares.

g) — Medalhas aos três primeiros chegados em cada etapa.

Art.º 6.º — A inscrição dos corredores é grátis, podendo fazer-se na redacção da *Stadium*, na sede da Associação de Ciclismo do Sul e no Stand Flecha, até ao dia 18 do corrente mês.

§ 1.º — Os organizadores pagam as despesas de deslocação e estadia em Lisboa aos concorrentes que se classificarem em 1.º, 2.º e 3.º lugares no final da prova.

§ 2.º — Não é da responsabilidade dos organizadores quaisquer danos, prejuízos e despesas ocasionadas pelos concorrentes.

Art.º 7.º — São admitidos carros de apoio — um por clube ou corredor em representação de conselho ou distrito — para exclusivo apoio mecânico.

§ 1.º — Os carros têm de ser inscritos até ao dia 17 e estão sujeitos a sorteio, não podendo seguir na prova sem um comissário da Associação de Ciclismo do Sul.

§ 2.º — É proibida a passagem de alimentos ou bebidas dos carros de apoio para os concorrentes.

Art.º 8.º — No caso de se verificar a presença na prova de corredores que não satisfizem inteiramente as condições indicadas no art.º 1.º, por não ter sido possível averiguar a tempo o atropelo das respectivas clausulas, perdão o direito aos prémios eventualmente adquiridos.

Art.º 8.º — A Associação de Ciclismo do Sul nomeará o júri da

Há resposta para tudo...

(Continuação da página 3)

P. 177 — Qual o melhor interior-esquerdo português? (De Reneles, Figueira da Foz).

R. 176 — *Espirito Santo e Jesus Correia nasceram, respectivamente, nos dias 30 de Outubro de 1919 e 3 de Abril de 1924.*

R. 177 — *A avaliar pelos últimos jogos internacionais: Gomes da Costa ou Teixeira.*

P. 178 — *Quantos anos tem Rosa, guarda-rêdes do Benfica? Há quanto tempo joga futebol, e em que clubes?*

P. 179 — *Francisco Ferreira abandona o Benfica?*

P. 180 — *Qual o motivo por que Emínio, do Oihanense, não tem alinhado? Está doente? Julga que era um bom elemento (De o benfiquista Calado).*

R. 178 — *Rosa nasceu a 25 de Abril de 1917. Jogou nas épocas 37-38 a 40-41 pelo Benfica; em 41-42 pelo Operário Vilafranquense. Daí em diante pelo Benfica.*

R. 179 — *Não acredite... É mais fácil o Sol deixar de alumiar a Terra.*

R. 180 — *Os clubes de quando em vez entendem de boa prática modificar a sua linha.*

P. 181 — *Um jogador que assinou a ficha pelo seu clube e ainda não jogou nenhum desafio, estará livre para o fim desta época? O jogador assinou a ficha de 1945-46. (De Durães, Barcelos).*

R. 181 — *Não está livre. Embora haja discordâncias, em princípio, o acto assinar a ficha — prende ao clube.*

prova, ao qual será agregado um director técnico, indicado pelos organizadores.

§ único — O júri será composto de quatro membros e as suas resoluções tomadas por maioria de votos. O director técnico da prova tem voto de qualidade, em caso de empate.

Art.º 10.º — Todos os casos omissos serão resolvidos de acordo com o preceituado no Regulamento de Corridas da Federação Portuguesa de Ciclismo.

Os corredores que não possuam ainda licença da Federação, devem dirigir-se a esta entidade pedindo os impressos necessários para aquelas licenças e para o certificado médico.

«FLECHA» A MELHOR BICICLETA!

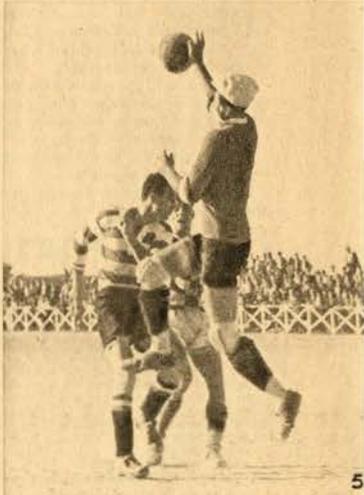
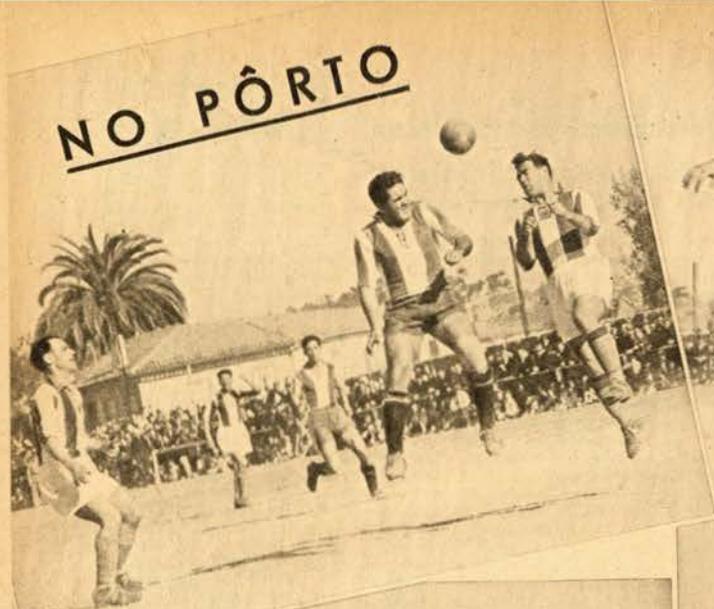
Ano III — II Série — N.º 148
Lisboa, 3 de Outubro de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.
Redacção e Administração
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone 51146 — LISBOA
Execução gráfica de
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

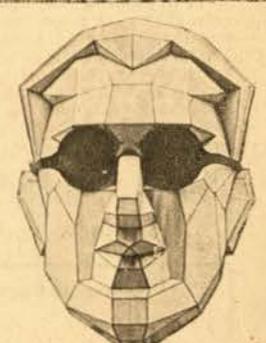
VISADO PELA COMISSÃO CENSURA

NO PÔRTO



FUTEBOL — *No Porto-Ramaldense*: 1 — Correia Dias, que reapareceu, «fura» pela defesa adversária; 2 — Lourenço remata, mas para fora; 3 — Outro remate de Lourenço — para as mãos do «keeper»; 4 — Araújo ganha na luta com a defesa do Ramaldense. *No Boavista-Leça*: 5 — O guarda-redes do Leça defende uma bola alta; 6 — Calado faz o 3.º «goal» do Boavista por cima da cabeça do «keeper».

NA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL: 7 — A distribuição de prémios aos campeões da última época. **O ANIVERSÁRIO DO VASCO DA GAMA**: 8 — A equipa capitaneada por Pima, vencedora do torneio de «basket» inter-sócios.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
136, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22629 LISBOA